AUTORES E ATORES DO FUTEBOL AMADOR: UMA ANÁLISE A PARTIR DA SOCIOLOGIA FIGURACIONAL.

GONÇALVES, Alana Mara Alves
Universidade Regional do Cariri – URCA

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objeto de estudo o futebol amador, não-profissional. O campo empírico escolhido abrange a cidade de Juazeiro do Norte - Ceará[1]. Considero que um estudo sociológico sobre o futebol amador deve ser orientado pela perspectiva de que, menos que uma modalidade de esporte, ele é uma prática social, um fato da vida coletiva, e como tal supõe, para existir, padrões de condutas e valores recorrentes, participados pelos sujeitos envolvidos. Assim pensando, a investigação partiu da seguinte problemática: que sujeitos pertencentes a outros grupos sociais se relacionam com participantes e times do futebol amador?

O jogador é o sujeito que está em evidência no jogo, é o corpo que aparece. Porém, o jogador não exemplifica a trama completa. Porque a trama do futebol transcende o campo, ela se constrói de forma complexa com outros sujeitos que não projetam, necessariamente, visibilidade ao seu corpo. Durante todo o trabalho está presente o conceito de figuração social do sociólogo alemão Norbert Elias[2], o qual podemos definir como as várias relações interdependentes construídas pelos indivíduos.

São inúmeras as pessoas envolvidas no futebol amador em Juazeiro do Norte, desde as mulheres que lavam os uniformes, passando pelos locutores esportivos que divulgam o horário dos jogos e comunicam os resultados, os vereadores que ajudam os times na compra de material esportivo até os torcedores que elaboram conceitos a respeito do jogo que ora acontece.

Os personagens que irei destacar estão relacionados com o jogo. É preciso lembrar que estes sujeitos não se apresentam isoladamente, mas são autores e atores de um mesma dinâmica, o futebol amador. Optei por identificar cada participante do jogo, mesmo sendo

[1] Abordei esse tema na dissertação de Mestrado em Sociologia com o título: Futebol Amador: Campo Emergente de Sociabilidade, concluída em 2002. Neste artigo tento dar sequência à mesma discussão, agora acrescida de outros elementos.

[2] Elias desenvolveu uma abordagem denominada "sociologia figuracional", que analisa o surgimento e o desenvolvimento das configurações sociais a partir das relações de interdependência entre os indivíduos. (RODRIGUES, 2006, p. 15)

alguém que prepare a água para os jogadores e que não vai ao campo. Pois eles atendem a um critério que não é o campo, nem o momento do jogo. O critério adotado é a rede que se forma para que o jogo aconteça, para que o jogo ponha em movimento grupos sociais. São eles: a) Os Jogadores; b) O "Dono do time"; c) As Mulheres; d) O Motorista do ônibus; e) Os Torcedores; f) Os Vereadores; g) A Diretoria da ASSEAJUNO; h) O Locutor de Rádio; i) A Arbitragem e j) O Dono do Bar. Esses grupos, aqui apresentados, são apenas algumas das possíveis redes de interdependência[3] das quais seus membros se ligam entre si na esfera do futebol amador.

OS AUTORES E ATORES DO FUTEBOL AMADOR

Os jogadores são os atores principais deste tipo de acontecimento, ou seja, sem jogador não há jogo, não há resultado a ser divulgado, não há elaborações há serem formuladas. Tanto nos jogos "abertos" [4] como nos jogos "fechados" [5], os jogadores estão em primeiro plano. É o sujeito que está em evidência.

Nos jogos "abertos" os jogadores são meninos, rapazes e homens de diferentes faixas etárias. Os meninos começam a jogar desde que conquistam, na família, o direito de estar nas ruas. Juntam-se com outros moleques da mesma idade e o campo de futebol passa a ser o meio da rua, se não houver um terreno baldio perto.

Estes meninos, do futebol de rua, podem ser vistos em bandos, sempre ao lado da sua companheira, a bola. É comum encontrá-los em pontos diversos da cidade. Sempre me

[3] Segundo ELIAS "A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexo do que aqui é chamado de configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes." (1994, p. 249)

[4] Nos jogos "abertos" não há times previamente formados, os jogadores vão chegando, alguns do trabalho, outros de casa, alguns já se encontram na rua, eles vão surgindo como se tivessem marcado um encontro uns com os outros. É certo, o encontro foi marcado sim, porém os candidatos a jogadores somente ali, no momento imediatamente anterior ao jogo é que vão decidir quem irá jogar primeiro, ou em que times irão atuar. A escolha dos jogadores de cada time é feita da seguinte forma: os responsáveis pelo campo, ou, algum jogador veterano, escolhem alternadamente, quem vai compor o time e cada um, fica responsável por uma equipe. O jogador que faz a escolha dos demais jogadores para formar o time, comumente passa a ser responsável pelo time enquanto acontece o jogo naquele momento, sendo o único a ter o direito de fazer alterações no decorrer da partida. (GONÇALVES, 2002, p. 43)

[5] Nos jogos "fechados" os times já se encontram formados anteriormente, tendo inclusive um nome. Existe uma pessoa responsável pelo time, conhecida popularmente como "dono do time", geralmente um ex-jogador, um aficionado por futebol. Pode ainda figurar como "dono do time", jogadores, embora não seja muito comum este caso, pois comumente o "dono do time" não joga. Ele é a pessoa responsável por agendar os jogos com outros times, comunicar a seus jogadores os horários e dias de jogo, buscar patrocínios, distribuir e recolher o uniforme do jogo, providenciar água durante a partida, entre outros encargos. (GONÇALVES, 2002, p. 45)

surpreendo com a coragem e a ousadia de tais meninos, pois não importa se na rua o tráfego é intenso ou não.

É importante destacar que a maneira como eles se organizam para brincar de bola corresponde ao que eu venho chamando de jogos "abertos". Neste caso, não existe juiz, o jogo é "cantado" pelos próprios jogadores.

Tornar-se jogador profissional é o sonho acalentado pela grande maioria dos meninos. Entre o sonho e a realidade existe o futebol amador, que passa a ocupar grande parte das horas livres dos ex-meninos.

A tendência dos jogadores é passar dos jogos "abertos" para os jogos "fechados", ocasião em que irá fazer parte de um time organizado por um ex-jogador ou mesmo por um outro jogador mais experiente. Estou me referindo ao "dono de time" como é popularmente conhecida a pessoa responsável por um time de futebol amador.

Nos jogos "abertos" a figura do "dono do time" está diluída entre os jogadores, ou seja, o "dono do time" pode ser qualquer um dos jogadores, ou todos ao mesmo tempo, isto porque, nos jogos "abertos" os times são formados momentos antes de iniciar o jogo.

Nos jogos "fechados" a figura do "dono do time" representa um papel de grande importância na dinâmica desses jogos. Poderíamos dizer que é ele o responsável pela formação do grupo como time organizado para a disputa com outros times. Assim, nos jogos "fechados", o "dono do time" é a pessoa responsável pela organização de um grupo de jogadores em torno de um mesmo objetivo que é explicitado pela utilização de uniformes idênticos, com as mesmas cores para todos os jogadores e também de um nome para designar o grupo de jogadores que formam desta maneira um time organizado. As responsabilidades do "dono do time" extrapolam esse momento inicial de organização dos jogadores, vejamos: marcar o dia, local e horário dos treinos e dos jogos com outros times, entregar e recolher o uniforme para os jogadores durante os jogos com outros times, providenciar água durante a partida, orientar tecnicamente os jogadores durante os treinos e principalmente nos jogos com outros times, arrecadar dinheiro dos jogadores para cobrir despesas, entre outros encargos.

O "dono do time" é muitas vezes solicitado a atuar em assuntos fora da esfera do futebol, isto é, assuntos familiares, financeiros, de saúde, entre outros. Assim dito, temos que o futebol amador é o pano de fundo para as teatralizações dos personagens em cena[6].

[6] O futebol amador produz figurações específicas, fruto das relações e funções sociais, tidas como um conjunto de relações interdependentes, que cola os indivíduos entre si numa dada formação. Segundo Elias “Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente pela açõa da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos ariscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações.” (1994, p. 249)

Na maior parte das vezes o "dono do time" não joga. Mas há um exemplo de um jogador que tendo discutido com o "dono do time" do Havaí, no qual atuava como jogador, saiu do referido time acompanhado por outros jogadores, para formar um outro time. Desse modo ao criar outro time, o Bragantino futebol Clube, esse jogador passou a ser o "dono do time", mas também continuava sendo jogador. Este Senhor criou o referido time para poder continuar jogando[7], assim ele relata:

> Aí para explicar, eu só fiz o time pra mim jogar. A verdade é essa. Agora quando eu tô jogando, quem toma de conta do time é meu irmão, é Chagas. Ele é quem é o treinador, eu não mexo em nada, apenas eu sou um jogador, depois que eu visto a camisa, ali eu deixo de ser dono de tudo. Porque eu fui o fundador do time, tudo que passa é em minhas mãos. Não sou tipo Eurico Miranda, não. Mas, porque o pessoal gosta muito de mim, mas né como o pessoal tem abuso de Eurico. Depois que eu visto o terno, aí eu passo a ser jogador. (Dono do time do Bragantino)

Não é comum encontrar a figura feminina no universo do futebol, espaço quase exclusivamente masculino. No entanto elas estão presentes de diversas formas. Sua participação é mais evidente nos jogos "fechados" que nos jogos "abertos".

A presença de moças nos jogos "fechados" é significativa, mesmo que sejam motivadas menos pelo esporte em si do que pela movimentação criada em torno do jogo, momento que agrupa pessoas conhecidas da comunidade e desconhecidas de outras localidades.

Algumas esposas dos "donos-dos-times" acompanham os jogos "fechados" que acontecem no domingo. Outras, além de acompanharem os jogos "fechados", ainda assumem funções tais como merendeira, que é uma espécie de responsável pela distribuição do lanche para os jogadores ao final de cada jogo. O lanche oferecido pelo "dono do time" aos seus jogadores, são pipocas, picolés ou laranjas.

Existem as mulheres que lavam os uniformes dos jogadores dos jogos "fechados", estas são contratadas pelo "dono do time" e recebem uma remuneração por este serviço. Há um caso de uma mulher que guarda a água na véspera do jogo para os jogadores à pedido do "dono do time" que ao chegar ao local do jogo, no sítio, acrescenta somente o gelo que ele mesmo traz da sua casa na cidade.

No caso dos jogos "abertos" a participação feminina existe de uma maneira mais encoberta, ou seja, quem senão a esposa, mãe, avô ou a empregada doméstica lava os meiões, os shorts e as camisetas dos jogadores ? Existem bem poucos casos de jogadores que

[7] Para Elias, as relações de interdependência, mesmo sendo intencionais, podem produzir consequências não intencionais. E as relações intencionais de interdependência podem ter sido originadas de interdependências não intencionais.

assumem esta tarefa. As mulheres, neste caso, não recebem nenhum pagamento pelo serviço, e o fazem protestando pelo estado demasiado sujo que geralmente se encontram as vestimentas dos jogadores.

Mulher não paga! Nos jogos "fechados" é sabido que quando um time vai jogar em outro campo distante o "dono do time" contrata um ônibus ou caminhão para levar seus jogadores, familiares e torcedores, entre outros. A mulher, comumente, não paga a taxa do transporte cobrada pelo "dono do time". O que determina se a mulher paga ou não paga a taxa do transporte são as condições financeiras do "dono do time" e dos jogadores deste time.

A outra maneira que as mães se manifestam no espaço do futebol amador em Juazeiro do Norte é através das recriminações feitas aos seus filhos pelo fato dos mesmos jogarem bola. As mães não gostam que os filhos joguem bola pelo medo que lhes instaura uma possível fratura, contusão ou outro tipo de problema que possa comprometer a saúde deles. Pois com a saúde afetada é necessário gastos extras com a compra de medicamentos, podendo ainda representar menor produtividade no trabalho ou mesmo total ausência neste. Algumas mães também não querem ver o seu filho associado com a prática do futebol amador, pois consideram que o futebol de rua é coisa de malandro, de quem não tem o que fazer. Contudo existem mães que preferem que o filho se ocupe em jogar bola do que com outras atividades[8].

Nos jogos "fechados", quando os times vão jogar em outro campo o "dono do time" aluga um ônibus ou um caminhão para levar os jogadores, os torcedores e familiares. O motorista do ônibus ou do caminhão já tem sua cota de trabalho durante a semana. Transportando passageiros de linha, no caso do motorista de ônibus ou pegando frete e demais serviços, no caso do motorista de caminhão. Somente no final de semana ou feriado é que os times podem contratar os serviços destes motoristas. Não só porque eles trabalham durante a semana, mas principalmente porque os jogos "fechados" que solicitam transporte, realizam-se nos finais de semana ou feriados.

No ônibus, o motorista não necessita da ajuda de um cobrador durante as viagens com os jogadores, a exemplo do que acontece durante a semana, em que o motorista é auxiliado por um ajudante, conhecido popularmente como "o trocador". Isto porque o motorista recebe

[8] A relação indivíduo e sociedade é quase sempre tratada como uma oposição, como se existissem independentemente. Na sociologia de Elias, o conceito central é justamente o contrário dessa dicotomia, ou seja, os sujeitos estão ligados entre si por um fenômeno de dependência recíproca. E é essa rede de funções interdependentes o que Elias chama de sociedade. De acordo com Elias nas tramas de interdependências o indivíduo não é completamente autônomo nas suas ações, nem socialmente determinado nas suas decisões, contudo ele nunca age totalmente só. “Sua sociologia, portanto, recusa as interpretações que privilegiam o excesso de subjetividade na conduta individual, mas também não ratifica as abordagens deterministas (estruturalismo), preferindo costurar uma nova solução (os indivíduos não podem ser vistos fora da sociedade, nem a sociedade é algo supra-individual).” (RODRIGUES, 2006, p. 25)

o frete diretamente do "dono do time", sem intermediários. No caminhão, o "dono do time" também paga o frete integralmente para o motorista.

Verifica-se que cada time tem preferência por um determinado motorista. Os times dos sítios costumam contratar o motorista do ônibus que já faz a linha para aquela localidade.

Dependendo do número de pessoas que acompanham os jogadores, o "dono do time" têm que contratar um ônibus maior, mesmo que seja mais caro. Quando não, costuma-se buscar o transporte mais barato. O motorista de caminhão cobra mais barato que o motorista do ônibus. Porém, alguns times dão preferência ao ônibus, por supor ser mais seguro que o caminhão.

O pagamento do transporte é rateado entre os dois times que jogam neste dia. Para arrecadar o dinheiro cada "dono de time" cobra uma taxa dos seus jogadores.

Indagado sobre o comportamento dos jogadores, o motorista do ônibus informou que antes da viagem, já faz as recomendações sobre os cuidados que todos devem apresentar com o transporte.

Dentro do ônibus, os jogadores apresentam comportamentos diversos. Há times que gostam de batucar, outros preferem ouvir o som do rádio do ônibus, e ainda há os que ficam em silêncio.

> O time do União é mesmo que tá carregando uma comissão de padre, de primeiro eles cantava, eles brincava, mas agora tão tudo calado. Não sei se é porque o dono do time passou a lei de crente. Antigamente era charanga, era triângulo, era tudo, mas agora. Tem outros que leva charanga, tem outros que não quer a charanga quer é o rádio do carro. O time dos Porções são mais ligado no rádio do que em negócio de batucada. Outros já prefere a batucada, eu desligo o rádio. Quem manda é eles, né ? (Motorista de ônibus)

Nos jogos "abertos" não existe propriamente torcedores, mas espectadores que ficam à beira do campo assistindo o jogo e comentando-o, alguns chegam a jogar. Não existe uma torcida nem por um time nem pelo outro, os "torcedores" gostam de comentar o jogo e o desempenho dos jogadores em campo, fazem piadas, riem das falhas cometidas, gozam dos que não tem intimidade com a bola, reclamam do governo, das esposas que reclamam deles, dos filhos, fumam um "troço"[9], etc. Tudo isso sem nenhuma ordem fixa, podendo também acontecer o silêncio. Os comentários que surgem durante e depois dos jogos, recebem dos jogadores o nome de "resenha". É durante a "resenha" que muitos jogadores ganham apelidos, contam casos engraçados que aconteceram nos jogos ou em outras ocasiões.

[9] Cigarro de maconha.

A resenha é também o nome dado, as comemorações que acontecem depois dos jogos "fechados", quando um time consegue vencer uma determinada partida. Neste caso, a “resenha” é planejada pelo "dono do time" junto com seus jogadores. A forma destas comemorações é basicamente uma só: reunir os jogadores e torcedores mais "chegados" para beber cerveja ou cachaça junto com algum petisco, mais conhecido pelo nome de "tira gosto".

Nos jogos "fechados" os torcedores ficam mais evidentes. Não é possível estabelecer distinções entre os torcedores dos time que participam do jogo, pois eles não se apresentam como os torcedores do futebol profissional, isto é, eles não vestem a blusa do seu time e não utilizam bandeiras com as cores do time. Algumas torcidas levam instrumentos de música que juntos são conhecidos como charanga. A festa, a vibração e a algazarra, são comuns em alguns jogos, principalmente naqueles onde há a disputa pelo título de campeão do torneio ou de um campeonato. Para alguns jogadores, a presença da torcida é fundamental. De acordo com o depoimento de um jogador, "dá mais emoção jogar com a casa cheia".

Durante a campanha eleitoral para prefeito municipal e vereadores no ano de 2000 em Juazeiro do Norte, um dado chama minha atenção. As camisas utilizadas para promover a campanha de um candidato a reeleição ao cargo de vereador, trazem em suas cores, textura e desenhos, formas que lembram uma camisa de jogador de futebol profissional, como as que eu costumo ver na televisão, por ocasião dos jogos de futebol profissional. Estas citadas camisas contrastam com as tradicionais camisas de algodão branca, que tradicionalmente são utilizadas durante as campanhas eleitorais, trazendo estampada a foto ou o número do candidato. Ao ser indagado, o candidato a vereador, cujas camisas da campanha eleitoral lembram camisas de jogadores de futebol profissional, assim justifica:

> Na minha primeira campanha, como a torcida maior era a do Icasa, nós lançamos a camisa do Icasa. Este ano como a torcida maior era a do Juazeiro, nós lançamos a nossa camisa de campanha com as cores do time Juazeiro que representa a cidade e as cores do município. (Vereador em Juazeiro do Norte)

Se o futebol profissional serve de inspiração para a campanha, não são os jogadores profissionais os alvos da referida campanha, são sim, os jogadores e as diversas pessoas ligadas ao futebol amador da cidade de Juazeiro do Norte.

O futebol amador em Juazeiro do Norte é um espaço onde os vereadores ou candidatos a vereadores atuam para firmar o nome junto a uma parcela do eleitorado.

A atividade esportiva, de um modo geral, tem forte apelo popular, e no caso brasileiro, especialmente o futebol. Considerando este dado da realidade, candidatos e detentores de

cargos públicos de natureza política atam os fios da engenharia política aos do futebol, incluindo as práticas amadorísticas. O estudo do problema demonstra as afinidades e interações entre os dois campos e permite visualizar a inserção do mundo político no futebol amador. No entanto, se a dinâmica do futebol amador é vivida como algo cotidiano, sendo acionada a cada jogo, a cada semana, o mundo político, ao contrário, aparece como algo episódico, que acontece apenas de tempos em tempos.

Em Juazeiro do Norte, o financiamento de entidades desportivas e de campeonatos dos times do futebol amador, neste caso dos jogos "fechados", recebe algumas vezes, a "colaboração" de personagens e agrupamentos políticos, que utilizam a mediação do poder público para alavancar os recursos necessários para pagamento de árbitros, aquisição de indumentárias e garantia de premiação como medalhas e taças.

Os atores políticos envolvidos com as atividades acima indicadas, de um modo ou de outro, procuram se desvencilhar de comentários e informações mais precisas sobre a dinâmica dessas relações. A "colaboração" dos mesmos se dá mediante diversos meios: verbas públicas, dinheiro advindo dos proventos dos parlamentares e contribuições de empresários. Um vereador, em seu depoimento, afirma que usa de sua "amizade" para obter *"apoio junto as empresas buscando incentivos e apoio publicitário"*.

As relações, no entanto, existem e fluem com certa visibilidade. Isso explica porque muitos "donos de times" consideram absolutamente normal e necessário, praticamente uma obrigação e uma tarefa do vereador, a contribuição para viabilizar a compra de bolas, ternos e prêmios. Legisladores que não adotam tal prática encontram enormes dificuldades para explicar a não adesão a esse comportamento que os jogadores do futebol amador de Juazeiro do Norte, de um modo geral, adotam como uma prática razoável e padrão.

Fundada em 09 de novembro de 1987, a ASSEAJUNO - Associação de apoio ao esporte amador de Juazeiro do Norte, é a entidade que reúne os times de futebol amador da referida cidade. De acordo com o presidente, a associação possui mais de 90 times filiados para o campeonato de 2002. Há ainda, muitos times que não tem condições financeiras para se filiar.

A ASSEAJUNO organiza os campeonatos da zona urbana e da zona rural de Juazeiro do Norte. A entidade possui somente o 1º quadro e o 2º quadro, o 3º quadro que comumente é utilizado nos jogos "fechados", não é empregado nos campeonatos promovidos pela associação. Ao final do campeonato da 1º divisão, ou seja, do 1º quadro, são classificados vinte times, sendo os quatro últimos rebaixados para a 2º divisão, ou 2º quadro. E os quatro primeiros classificados no campeonato da 2º divisão, são elevados ao 1º quadro. Assim o 1º

quadro da ASSEAJUNO tem sempre um número fixo de vinte times. Já na 2º divisão não há limite de times, ou seja, quem não é da 1º divisão, faz parte do 2º quadro.

Para realizar os jogos, a diretoria faz um orçamento e apresenta para a Prefeitura de Juazeiro do Norte, quando esta não colabora, o campeonato não acontece. Foi o que sucedeu com o campeonato da zona rural de 2001, que não se realizou. Mesmo que a despesa fosse dividida entre os jogadores da zona rural, não seria possível realizar os jogos, pois segundo o presidente da ASSEAJUNO "sai muito caro e o pessoal não tem condições." Para o campeonato da zona urbana, a prefeitura colaborou com uma quantia que só deu para comprar a premiação, ou seja, os troféus e as medalhas. O campeonato da zona urbana de 2001 realizou-se com a colaboração dos jogadores.

Como cada time tem seu campo próprio ou pelo menos um campo onde costuma realizar seus jogos, as partidas do campeonato organizado pela ASSEAJUNO são realizadas em campos neutros. De acordo com o presidente da ASSEAJUNO, alguns jogadores dos times que estão na 2º divisão da associação, "só querem ir se for ganhando uma ajudazinha, um par de chuteira, uma coisa e outra." Quando um time desce da 1º para a 2º divisão, o "dono do time" tem que gastar mais dinheiro para recolocar o time novamente entre os vinte primeiros.

> Em certo momento tivemos uma participação mal no campeonato, descemos para a 2º divisão. Eu me chateei com os diretores e resolvi andar com o barco. Quiseram me botar para fora e eu disse não, vou entregar o Comercial na 1º divisão. Fizemos um trabalho de base, à altura, fomos campeão da 2º e hoje estou aqui na 1º. Futebol não é mole, pra onde a gente vai é gastando. Futebol amador é caro. Na média eu gasto 60,00 Reais por semana. Já teve rodada que lourão, Presidente da ASSEAJUNO, bancou, porque o clube não tinha os 16,25. Não é para todo mundo, não, o gasto. Você faça a conta de oito jogos e mais a resenha." (Dono do time do Comercial)

Já o jogador que está na 1º divisão "ele se empolga, é um negócio bem visto, todo mundo quer tá na 1º divisão." (Presidente da ASSEAJUNO).

Os jogos "fechados" colocam em movimento sujeitos de diversas localidades da cidade de Juazeiro do Norte e até de outros municípios. Como agendar os jogos com outros times e como saber dos resultados dos jogos do domingo nos vários campos de futebol amador espalhados pela cidade ? É para isso que serve o "dono do time". Porém, o mesmo, conta com um aliado poderoso nesta tarefa de divulgar o time e seus resultados. São os locutores esportivos que através das emissoras de rádio, são responsáveis pela divulgação do futebol amador na programação da emissora.

Além de divulgar os horários dos treinos, os jogos e seus resultados, as notas que são entregues nas rádios podem conter avisos diversos, como nos relata um locutor:

> Agora é muito engraçado, com relação a essa parte assim, as vezes eles mandam algum aviso, por exemplo: atenção sítio Barro Vermelho pedimos ao diretor do Palmeiras que, por gentileza, devolva a bola que a gente esqueceu, tá entendendo." (Locutor de Rádio)

O "dono do time" é o responsável pelo envio das notas para as emissoras de rádio. Todavia, algum jogador ou ajudante do "dono do time" pode se incumbir de tal tarefa, pela facilidade que esta se apresenta para o referido jogador ou ajudante. As notas são deixadas em várias emissoras de rádio, independente da preferência que os jogadores e o "dono do time" possam apresentar por determinada emissora em particular.

No horário de cada programa "ir ao ar", as pessoas evolvidas com o futebol amador, procuram uma forma de escutarem todas as emissoras que fazem este serviço de divulgação dos jogos, dos resultados e dos treinos do diversos times de futebol da cidade de Juazeiro do Norte. A divulgação, feita pelas emissoras de rádio, do nome do time e de seus jogadores ajuda a construir ou manifestar a identidade dos mesmos frente a outros times de futebol amador.

A divulgação do futebol amador nas emissoras de rádio permite que o mesmo ganhe proporção ainda maior que o verificado nesta pesquisa, abrangendo outros municípios e até outros Estados vizinhos.

As notas divulgadas pelas emissoras de rádio não custam absolutamente nada aos bolsos do "dono do time", pois este serviço é uma maneira que as emissoras de rádio encontram para ampliar o noticiário esportivo.

Os jogadores do futebol amador, principalmente os dos "jogos fechados", depositam muita confiança nos locutores esportivos. Quando há alguma jogada duvidosa ou quando a decisão do juiz não agrada ambas as partes, os jogadores fazem um relato do ocorrido e aguardam a opinião do locutor esportivo.

Além da confiança oferecida aos locutores de rádio pelos jogadores, há outros valores envolvidos, cito como exemplo a admiração e a gratidão que um "dono de time" desenvolveu por um locutor de rádio a partir do contato estabelecido através do futebol amador.

> Ele foi lá pra conhecer a gente: rapaz vim conhecer, e ele era torcedor do guarani, eu admiro muito você toninho vieira porque você é do guarani. Meu time também é guarani, aquela coisa toda, aí começou a vir. O pessoal também sempre traz uma lembrança pra você, um queijo, uma galinha, é legal que só. Ele disse: eu tenho um

> menino lá e você vai ser o padrinho desse menino. E quando ele trouxe o menino a primeira vez, Cícero, aqui cicim meu filho, ai trouxe. Oh ! o maior prazer. Você vai mesmo ? Vou ! Olhe que você não vai. Eu disse vou. E fui né, crismar o menino. Só que quando foi na época da crima o menino tava maior do que eu. E ele ficou assim tão satisfeito, tão empolgado. Se tornou uma pessoa amiga, meu compadre. O pessoal de lá, sempre que a gente se encontra diz: mas rapaz Tércio só fala em você, que é seu compadre, aquela coisa toda. Teve um dia, o menino crescendo, eu achei interessante, ele chegou lá na rádio pra fazer uma visita e disse: compadre Toninho. Eu: diga compadre Tércio. Sabe o que Cicinho mandou dizer, seu afilhado ? Não, diga aí. Ele disse que quando crescer, quando completar dezoito anos, vem servir o tiro de guerra, jogar no Guarani e morar com o compadre Toninho. Eu digo: mande. (Risos) Há legal." (Locutor de rádio)

Nos jogos "abertos" não existe o juiz, tal como acontece nos jogos "fechados", ou seja, nos jogos "abertos" o juiz pode se fazer representar por um jogador ou um expectador ou ainda pode ocorrer não ter juiz.

Nos jogos "fechados" é necessário a presença do juiz para arbitrar as partidas. Se os jogos fazem parte de um campeonato envolvendo vários times, a presença do trio de arbitragem (o juiz e dois bandeirinhas) é muito importante.

Um juiz deve arbitrar de forma imparcial para garantir as mesma condições para os dois times. É bastante comum quando um dos times ou mesmo os dois times ficam insatisfeitos com alguma decisão do juiz. Nesse caso o jogo pode ter vários desfechos, desde a finalização prematura do jogo, com ou sem briga, até uma finalização do jogo com direito a um veredicto final dado pela impressa esportiva, conforme foi relatado acima.

No futebol amador em Juazeiro do Norte, questões envolvendo a arbitragem são pontos passíveis de vir a desencadear problemas mais sérios, ou seja, que irão solicitar a presença de força policial.

É interessante como os jogadores conseguem narrar uma jogada que aconteceu há dias ou meses com o mesmo entusiasmo e com tanta fidedignidade. O bar é um dos locais mais procurados pelos jogadores para exercitarem tal prática, como também para comemorar as vitórias do time.

O dono do bar estimula esse tipo de ação para obter lucro com a venda de bebidas e "tira-gostos". Algumas vezes o dono do bar chega a combinar com o "dono do time" um campeonato ou um torneio prometendo o "tira-gosto" para o time, em caso de vitória, contanto que os jogadores façam a festa no bar de sua propriedade. É comum cada time ter o bar de sua preferência, para comemorar as vitórias ou mesmo para se encontrarem a despeito do futebol. O dono do bar também costuma oferecer descontos para o time que lhe é fiel.

Desse modo, o dono do bar, com efeito, é também sujeito social do processo, ou dito de outra forma, é parte constituinte do jogo, ainda que não participe diretamente de sua

realização. Por outro lado, a sua intervenção provoca a extensão da atividade esportiva para além das fronteiras do campo. O jogo se estende além do tempo de bola e se expressa em bate-papos e balanços informais, tornando o bar um complemento do campo, e, portanto, ampliação do seu raio de ação.

Os autores e atores do futebol amador aqui apresentados não esgotam as possibilidades existentes em cena. Outras tessituras são possíveis, uma vez que cada indivíduo participa de inúmeras figurações na sociedade, sendo o futebol amador, mais uma rede de interdependência.

REFERÊNCIAS

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

GONÇALVES, Alana Mara Alves. **Futebol amador: campo emergente de sociabilidade.** Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UFC, Fortaleza, 2002.

RODRIGUES, Laécio Ricardo de Aquino**.** Indivíduo e Sociedade na Obra de Norbert Elias. In: BARREIRA, Irlys Alencar Firmo (org.). **Teorias Sociológicas Contemporâneas: (Elias, Foucault e Bourdieu)**. Fortaleza: Edições UFC, 2006.